

Histórias do Tio Joca

Fernando Spencer

Ilustrações: Marcílio Olímpio



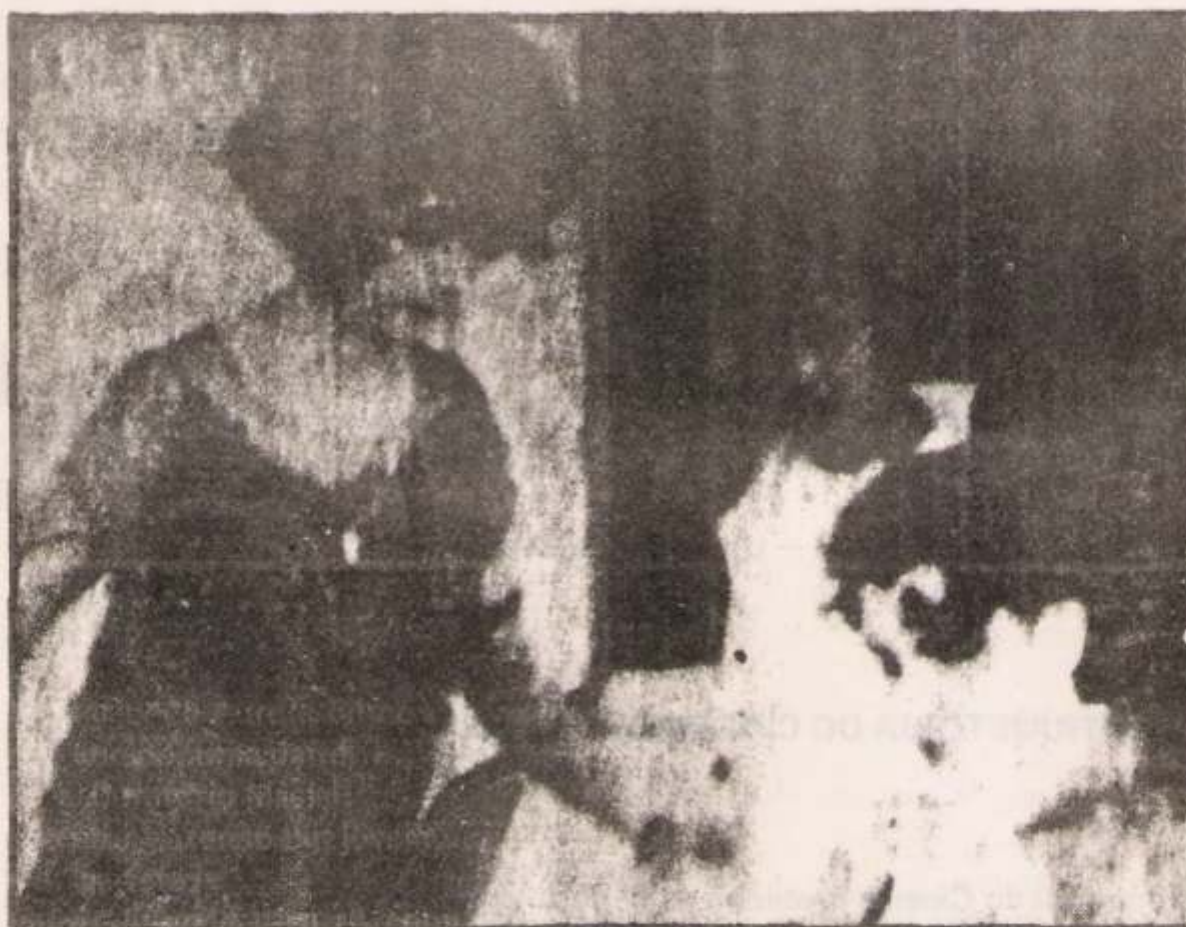


fazer filmes de enredo.

A estória estava escrita por Gentil. Os recursos financeiros eram mínimos. Com enorme sacrifício conseguiram comprar uma velha câmara que tinha sido da Pernambuco Filme, de Falângola e Cambiere, numa casa de penhores, por 600 mil réis, a prestações. Era o primeiro passo.

Com os recursos que dispunham (entusiasmo e idéia) foi iniciado o primeiro filme – “Retribuição” – baseado numa estória de Gentil Roiz, sobre bandidos, mocinho, mocinha e tesouros, à moda das fitas americanas.

Aliados a Ari Severo, outro entusiasta do cinema, partiram para a aventura. Foram vinte sofridos meses de trabalho.



Primeiro galã e primeira atriz do cinema pernambucano: Almeri Steves e Barreto Jr. em “Retribuição”, 1925

A mocinha era Almeri Steves, uma descoberta de Ari Severo que em 1925 seria sua esposa até 1982. O galã, Barreto Júnior, falecido este ano, após uma vida dedicada ao teatro de variedades e conhecido no Recife como o “Rei da Chanchada”.

Participavam do elenco Oséias Torres de Lima, Tancredo Seabra, José Lira, José Steves, irmão de Almeri, entre outros.

Cinemateca

Fundação Joaquim Nabuco

*catálogo
de filmes*



Fundação Joaquim Nabuco
EMA - Editora Massaranga

fernando spencer

**20 ANOS DE
CINEMA
1969/1989**



**EDIÇÕES
BAGAÇO**

filmografia

FILME DO CINEASTA SPENCER LEMBRA O MELHOR POLANSKI

(Coluna de cinema de Celso Marconi **Jornal do Comercio**, 10.02.1972)

Trago aqui um depoimento do cineasta Ipojuca Pontes sobre o cinema que está sendo feito pelo Fernando Spencer. Infelizmente o cronista/cineasta ainda não teve oportunidade de trazer suas realizações para o público, simplesmente por falta de recursos para a parte mais cara do filme: laboratório. Mas no ponto em que eles estão, já permitem uma visão, principalmente para aqueles que estão por dentro do metier cinematográfico. Ipojuca é um deles (*O Homem do Caranguejo*) e fala assim:

"Meu caro Celso:

Vi dois dos três filmes que o nosso comum amigo Fernando Spencer, nêstes últimos anos, produziu. Embora incompletos (não estão ainda sonorizados), revelam um cineasta digno das tradições do cinema pernambucano, empreendido por Jota Soares, Roiz e todo o pessoal da década de 30/40.

Um cineasta entre o sagrado e o profano

Apaixonado pelo cinema, Spencer finaliza mais um trabalho, mas se diz insatisfeito com o mercado local

MARCOS TOLEDO

Trinta anos de dedicação ao cinema. Dezesseis prêmios. Estes são os números que o jornalista e cineasta Fernando Spencer, 70 anos, contabiliza ao longo da carreira. Ele, que atravessa uma fase de aposentadoria nos trabalhos de sobrevivência, está longe de pensar em deixar a Sétima Arte de lado. Muito pelo contrário. Com várias idéias na cabeça, pretende se dedicar cada dia mais à sua grande paixão. Mas se ressentido de uma política que favoreça os realizadores locais. A duras penas, tenta finalizar um projeto concebido há duas décadas: *A Arte de Ser Profano* (ver matéria nesta página), filme síntese do pastoril não-religioso, editado em vídeo, que o diretor tenta passar para filme de 35mm. Caso as dificuldades continuem se agravando, de antemão ele já anuncia: "Vou embora do Recife".

Prestes a completar 40 anos de jornalismo, Spencer já fez de tudo um pouco, no que diz respeito ao cinema. Como crítico, trabalhou no jornal Diário de Pernambuco, na Rádio Clube — onde tinha o programa *Filmelândia* — e até na antiga TV Tupi, apresentando o *Falando de Cinema*. Fez filmes (foram mais de 35, todos curtas-metragens). Por vezes criticado, eram os prêmios que recebia por todo o país seus principais instrumentos de defesa. "Todos são livres para fazerem filmes. Eu estou produzindo", diz o cineasta.

Há exatamente três décadas, Spencer estreava no celulóide com *A Busca*, filme experimental de ficção em 16mm e preto-e-branco, com apenas sete minutos de duração. Daí então, nunca mais parou. Um fato que é indiscutível é a contribuição do realizador para a produção áudio-visual pernambucana. Nos seus curtas foram retratados os caboclinhos do Recife, o artista Bajado, a polêmica sobre a canção *O Teu Cabelo Não Nega*, os ceramistas do Alto do Moura, a literatura de cordel, a vida do maestro Nelson Ferreira, a benção de Frei Damiano aos cineastas do Brasil (!), os pioneiros (e pioneiras) do cinema pernambucano, os maracatus, os cinemas de bairro, o mestre Capiba e o frevo, somente para citar alguns dos temas abordados em documentário e ficção.

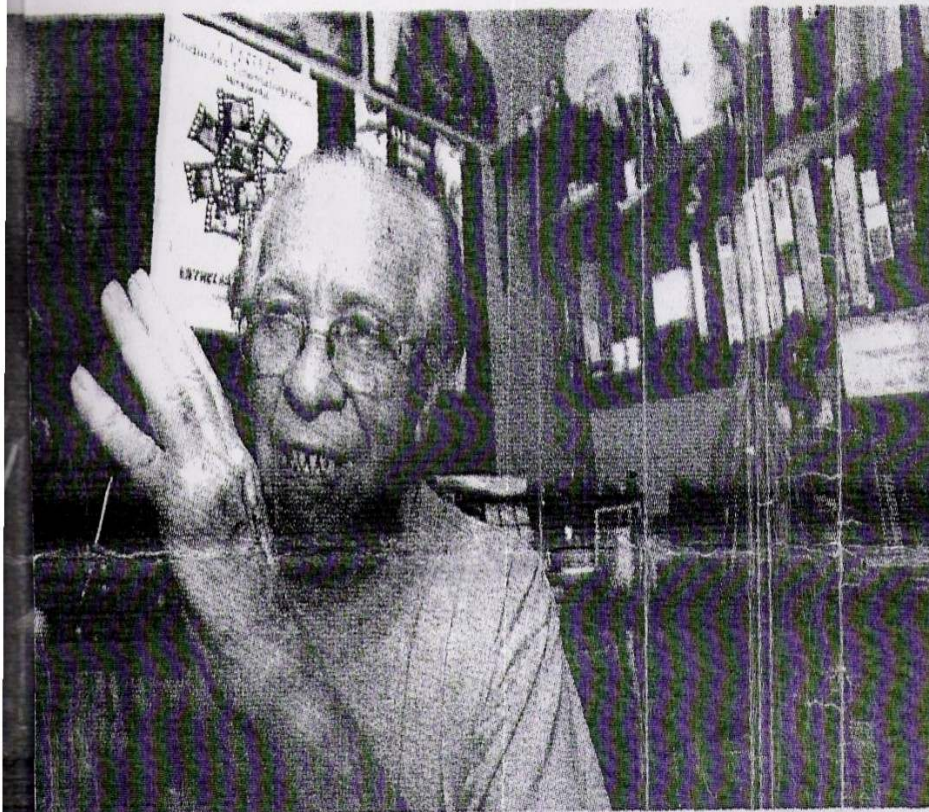
"A minha intenção é sempre resgatar essas coisas que estão desaparecendo. Não sou contra o progresso", justifica o diretor. Os prêmios participam apenas como meros coadjuvantes, impressões

**Com 20 anos de
carreira, o cineasta
Fernando Spencer até
agora só encontrou as
portas fechadas ao
tentar finalizar *A Arte
de Ser Profano*,
orçado em R\$ 20 mil**

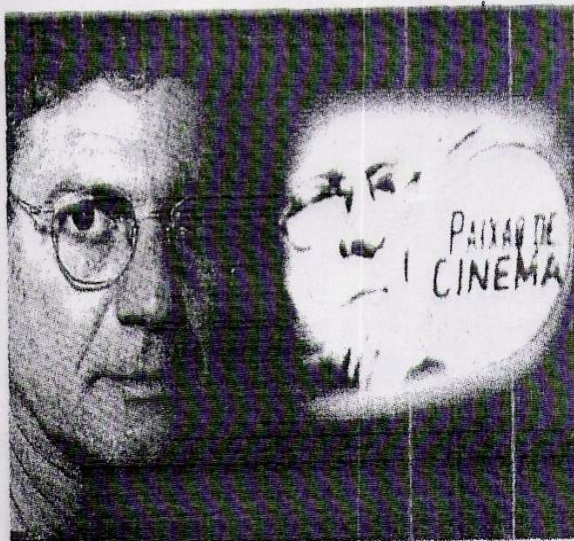
clama sua paixão

ambucano ganha as telas em documentário digital

Fotos: Gil Vicente



autorá-los em
de Spencer. Fa-
uma compila-
e da Fantasia -
início do ano
os seus filhos
Capiba, Ontem
Ferreira, Adão
é mais empol-
mal encerrou
u livro de poe-
onse? "Porque
ção está pron-
to para parar.



Marcílio Brandão
(ao lado) sugere
que alguma
instituição adquira
a coleção do diretor
Fernando Spencer

Filmografia pop e pós-moderna

Quando Marcílio Brandão pensou em *Paixão de Cinema*, foi conversar com Fernando Spencer. "Claro que o conhecia, mas não era amigo dele como sou hoje", conta o documentarista, um dos sócios da Página 21. Aprovado duas vezes no Funcultura, a primeira para viabilizar a produção, a segunda para bancar a finalização e os custos da telecinagem dos filmes de Spencer (apoio dos estúdios Mega via Alfredo Bertini), o projeto partiu, então, de uma conversa preliminar com o longevo cineasta.

E seguiu bem seu caminho. Com 55 minutos de duração, idealizado para entrar na programação de emissoras abertas e/ou fechadas (a TV Cultura já garantiu a exibição) e nada hagiográfico, *Paixão de Cinema* equilibra-se entre as lembranças de Spencer, que são deliciosas, e o que Paulo Caldas, Alexandre Figueirôa, Severino Dadá, Amin Stepple, Celso Marconi, Flávio Rodrigues, Gerardo Pinho, Paulo Cunha e Kátia Mesel, entre outros, pensam sobre ele e sua obra.

Há, então, a perspectiva pessoal - Spencer falando de como, aos 13 anos, começou a pintar os letreiros de um cinema na Praça de Casa Forte e depois montou seu cineminha com os amigos no quintal de casa - e os familiares que também produzem e atuam (a esposa, a filha, o filho que é expert em efeitos especiais na Galícia) e a revisão de uma filmografia que, na acertada opinião de Stepple, é pop e pós-moderna por abranger vários temas - uma rinha em *Valente é o Galo*, o rio Capibaribe, o frevo, a ditadura em *O Último Baileiro no Recife*. "Eu acho que Spencer, na verdade, deve ser mais justificado. Alguma instituição deveria adquirir a coleção dele, por exemplo", sustenta Marcílio. Seu filme não deixa de ser um importante passo.

Cineasta põe filmes e peças de acervo à venda

Edvaldo Rodrigues

Luciana Veras
DA EQUIPE DO DIÁRIO

"Cineasta vende cinco de seus filmes em 35 milímetros. Tratar com Fernando Spencer". Taí um anúncio de classificados hipotético, mas não irreal: poderia figurar nas páginas do DIÁRIO no próximo domingo, de tão verdadeiro que é. Cansado de esperar financiamento para seus projetos, o veterano Spencer, mais de 70 anos de idade e três décadas de atividades cinematográficas, quer se desfazer das latas de *Capiba*, *Ontem, Hoje e Sempre*; *A Santa do Maracatu*; *Adão Foi Feito de Barro*; *Evocações de Nelson Ferreira*; e *A Trajetória do Frevo*.

Preço, ele já estipulou: "R\$ 2 mil. Como não tenho depósito climático, as matrizes estão sempre ameaçadas, mas estão em bom estado. E como são cópias já usadas, ficam nessa faixa". Razões, ele as enumera aos borbotões: "Quero negociá-las porque tenho as matrizes de imagem e som em 35 e cópias de cada um em 16 mm e acredito que poderia interessar a alguma instituição tê-las em seu acervo. Também quero tocar meus projetos com esse dinheiro. Não quero entrar nos esquemas do governo. É muito difícil, é coisa de loteria".

Spencer, que de 1958 a 1998 trabalhou no DIÁRIO como crítico de cinema e manteve, durante onze anos, um programa radiofônico (*Filmelândia*) e um televisivo (*Falando de Cinema*) sobre a Sétima Arte, desdobra sua ojeriza aos concursos de roteiro e sistemas de incentivo à cultura. "Há três anos, inscrevi um projeto chamado *La Ursa*, um estudo sobre a origem do urso no Carnaval, no valor de R\$ 47 mil. Não foi aprovado pela Prefeitura e pronto, ficou guardado. Isso foi há três anos. Agora tá aqui prontinho, é só arranjar o dinheiro", diz o diretor que desenvolveu uma obra em cima de suportes tido como menores, com Super 8 e 16 mm — obra essa digna de tributos, como o ocorrido em fevereiro no Rio de Janeiro, na *Mostra do Filme Live*, que organizou uma retrospectiva com vários filmes de Spencer.

DESTINO - A quem, por acaso, possa parecer devaneio, Fernando Spencer tem uma resposta pronta. "Acredito que os títulos valham a pena, não é? Tanto para o Museu da Imagem e do Som ou para a Filмотeca Alberto Cavalcanti, da Prefeitura, ou ainda para a Fundação Joaquim Nabuco", situa. Como trabalhou na Fundaj por quase

vinte anos, onde montou a cinemateca da instituição, e ajudou a organizar a salinha no teatro do Parque que hoje sedia a filмотeca do Recife, Spencer sabe do que fala. E para pesquisadores, cinéfilos e jornalistas, a idéia de ter filmes de cineastas locais, em algum lugar e em bom es-

tado de conservação, não é nada má.

Caso as instituições supracitadas não se interessem, Spencer dá a dica de outro local que possa acolher suas latas. "O Centro Cultural Banco do Brasil vai abrir no Recife, já tem inclusive sede e eu já fiz um contato com eles", informa.



Fernando Spencer quer se desfazer de cinco filmes em 35 mm

THEATRO

LOUNGE

<p>6ª</p> <p>Revival SOUND THE BEST OF 70, 80, 90'S</p> <p>CIDA MARIA & Banda GODIVA DJ DODY</p>	<p>Ladies FREE Até meia noite</p> <p>Banda MAQUINAS NA PISTA DJ PATETA</p> <p>4ª</p> <p>Pagode do TRADE Banda SASSARICO & EXCESSO DE BAGAGEM</p>	<p>SÁB 17h às 21h</p> <p>Hora do Blackout TRAJE PRETO OBRIGATORIO</p> <p>DJ'S MAGAL & PATETA</p>
<p>SAB</p> <p>Electronic by SKOL</p> <p>DJ'S BRUNO V. & DOLORES</p>	<p>DOM</p> <p>ENSAIO DO JAMMIL - 22H DJ PATETA</p>	

INFORMACOES: www.theatro.com.br

3326 8080

AV. BOA VISTA

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

SKOL

Ballantine's
ORLOFF

seu novo trabalho, *Peixe Grande* (*Big Fish*, EUA, 2003), que estreia neste fim de semana no Recife, talvez desaporte os espectadores que acompanham a obra de Burton, e nem os que procuram suas admiradas características.

O interessante é que esse *Peixe Grande* não é de fato um filme de Tim Burton, mas parece como se algo estivesse estranho, e isso não é elogio. Parece alguém que fuma,

inerte) é um jornalista casado com uma francesa, Josephine (Marion Cotillard), que volta para fazer as pazes com o muito enfermo Edward (o grande Albert Finney). Exatamente como o filho de *As Invasões Bárbaras*, Will irá aprender a respeitar seu pai antes que a morte chegue.

Com base nos seus outros filmes, é fácil enxergar o interesse de Burton pela história. Adaptado do livro escrito por Daniel

tórias, negue as abordagens fabulosas do pai.

Burton nos leva ao passado em vôos constantes de memória e imaginação, fazendo o filme parecer uma variação de *Forest Gump* (1994), sobre aquele outro contador de histórias. Nas imagens do passado, Edward é um menino que cresce rápido demais e também um Ewan McGregor (*Trainspotting*, *Moulin Rouge*) sempre

Lange, mais *Matrix* onde Edward parece de pipocas e to segundo. "déjà vu" que por inteiro, magia de cer de um estofe Um aspec

29

Um cinema de teimosia e obstinação

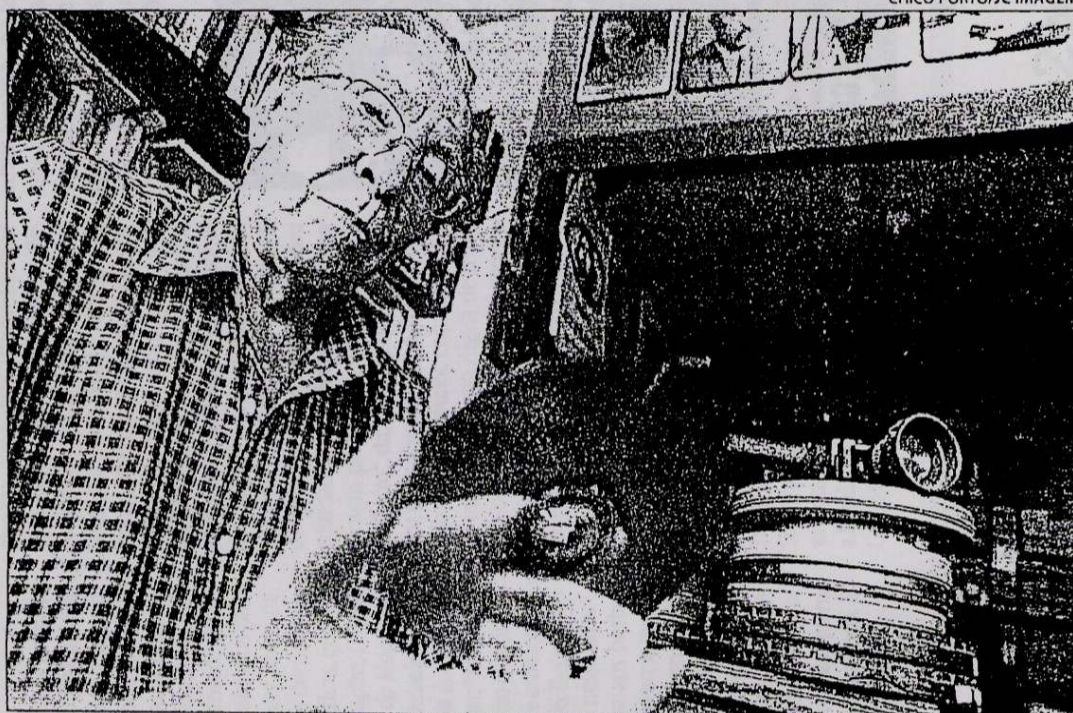
Obra de Fernando Spencer é tema do debate *Trajatória do Documentário Pernambucano*, na Fundaj

MARCOS TOLEDO

No livro em que relata sua filmografia, *20 Anos de Cinema (1969-1989)*, o cineasta Fernando Spencer, 77 anos, inclui uma citação do crítico Paulo Emílio de Almeida Gomes, segundo o qual "os pernambucanos fazem cinema por teimosia e obstinação." Nenhuma outra definição seria mais adequada a um veterano, curta-metragista que tem sua obra discutida no Ciclo Documentário em Pauta, hoje, na Fundaj (Rua Derby, às 19h).

O debate *Trajatória do Documentário Pernambucano*, que ocorre na Sala João Cardoso Ayres, é também uma homenagem ao diretor. Para a edição de sua obra foram escolhidos os filmes *Adão Foi Feito de Barro*, *Santa do Maracatu* e *Estrelas de Celulóide*, filmes que destacam a característica regionalista do autor. Além disso, estas obras possuem características que resumem uma obra que se confunde com a própria cinematografia do Estado.

Adão Foi Feito de Barro (1978), primeiro trabalho profissional, co-produzido pela TVU, e exibido em circuito comercial – quando as salas comerciais ainda eram obrigadas a incluir obras na programação – mostra a vida dos ceramistas do Alto de São João, em Canuaru. Revela, assim, o olhar humanista do diretor. Já *Santa do Maracatu* (1980) apresenta outro tema de interesse de Spencer: o Carnaval. Sem dúvida, é



CHICO PORTO/JC IMAGEM

O DIRETOR Obra do veterano Fernando Spencer se confunde com a própria cinematografia pernambucana

ele o principal documentarista do assunto, autor de títulos como *Caboclinhos do Recife* (1974), *O Teu Cabelo Não Nega* (1975), *Um Instante Maestro Nelson Ferreira* (1976), *Capiba: Ontem, Hoje e Sempre* (1984), *Trajatória do Frevo* (1988) e *Os Irmãos Valença* (2003). "Neste documentário, mostro as origens negras do maracatu" explica. "Para ilustrar, coloco o museu de Dona Santa, que ficava na Fundaj (*no Museu do Homem do Nordeste, em Apipicós*)."

O terceiro curta programado para a noite de hoje, *Estrelas de Celulóide* (1986), denota uma preocupação do autor – também presente em vários outros filmes – com a história do cinema pernambucano. "Nele, re-

constitui um chá dos anos de 1920", conta Spencer. Mistura de ficção e documentário, no filme há uma reunião cujas personagens são as estrelas do chamado Ciclo do Recife.

Aposentado do jornalismo, no qual fez carreira por mais de quatro décadas, Spencer tem sempre projetos audiovisuais e busca recursos para viabilizar suas novas idéias. "Não paro de maneira nenhuma. Vou morrer com o cinema", afirma. "O cinema é minha vida. Enquanto eu tiver idéias para fazer, eu faço".

Documentário em Pauta: *Trajatória do Documentário Pernambucano*, com Fernando Spencer. Hoje, às 19h, na Fundaj (Rua Henrique Dias, 609, Derby). Fone: 3421.3266. Entrada franca



LIQUIDAÇÃO
AUTO-SERVIÇO
TOK&STOK

Luminárias, cama, mesa,
banho e acessórios diversos.

Até 40% off
Válido até 29/2/2004.

SPENCER, ONTEM, HOJE E SEMPRE: CINEMA DO RECIFE E DA VIDA

Para quem era conhecido no início de sua carreira como "o cineasta do filme inacabado", Fernando Spencer teve uma filmografia mais que profícua: desde a estréia na ficção com *A Busca* (1969), são mais de 40 curtas em diversas bitolas, do Super8 ao 35mm, chegando ao vídeo nos anos noventa. Driblando as dificuldades financeiras, encontrou no Super8 um modo viável para finalizar seus projetos, e acabou por se revelar um dos mais destacados realizadores na bitola no Nordeste, fundando o Grupo de Cinema Super8 de Pernambuco. Na década de noventa, descobriu o vídeo, e no caso de *História de Amor em 16 quadros por segundo*, passou pela kinescopia para exibir seu filme em Festivais, ainda que para captar os recursos necessários, o processo tenha durado dez anos.

Apesar de também ter realizado ficções, o principal trabalho de Spencer é no documentário. Sim, porque mesmo suas ficções partem de um princípio documental: é a revisitação nostálgica do bolero em *O Último Bolero no Recife*, é a matéria de jornal que inspirou o roteiro de *RH Positivo*, é a presença do cordel em *A Eleição do Diabo e a Posse de Lampião no Inferno*. Spencer sempre trabalhou dentro das convenções do documentário clássico, aperfeiçoando ao longo de anos de ofício sua habilidade em combinar seus mais típicos recursos, mesclando-os das mais diversas formas: ora com a voz off de um narrador, ora com depoimentos, com a presença marcante de uma trilha sonora, o apelo pela dramatização e o uso de imagens de arquivo, entre outros. Apesar de exercer o ofício de crítico de cinema no Diário de Pernambuco por mais de trinta anos, apontando atenciosamente as invenções do cinema contemporâneo, como realizador, Spencer raramente se interessou em compor um cinema de alta inventividade formal. Mas ao contrário de desmerecer sua obra, esse aspecto ainda a valoriza. A opção pelo documentário clássico vem de sua ótica do documentário como essencialmente uma ética mais que uma estética. Desse modo, a ênfase de Spencer no documentário sempre foi a valorização da cultura popular, e nunca a de elite. Ao invés de se concentrar nos grandes nomes de sempre da cultura nordestina, Spencer busca na linguagem do povo, no dia-a-dia da criação artística recifense a inspiração de suas obras: é isto o que têm em comum o Cinema Glória e seus filmes de "caratê e banguê-banguê", o compositor Capiba, o cartunista Péricles Maranhão e o palhaço Xaveco. A manifestação popular é exposta por Spencer numa linguagem documental acessível a este mesmo público. Daí a opção pelo documentário clássico como prova de coerência e nunca por falta de ousadia. A exaltação dos valores da cultura popular pernambucana e nordestina sempre permaneceu como principal centro de atenção da longa filmografia de Fernando Spencer.

Numa primeira fase, a partir de sua estréia no documentário em 1974 com *Caboclinhos do Recife*, em seus filmes em Super8, Spencer travou um primeiro contato com a linguagem do cinema clássico, realizando filmes que primam pelo descritivo ao apresentar diversos aspectos da cultura nordestina: o Carnaval (*Caboclinhos*), o meio rural (*Farinhada*), a religiosidade (*Frei Damião*), o cinema (*Cinema Glória*). De seus primeiros filmes, destaca-se *Valente é o Galo*, focando a briga de galos, apesar de proibida no Recife. Descrevendo minuciosamente os procedimentos necessários até a realização da rinha, o filme atinge seu ponto crítico nas filmagens do acontecimento em si. A montagem acentua o fatalismo do inevitável destino dos galos, contrastando com o olhar fanático dos sanguinários espectadores. Com isso, acaba se revelando um pequeno ensaio sobre o destino dos marginalizados e a morte como mercadoria, com inúmeros paralelos com *RH Positivo*. Nessa ficção, um homem, para

ganhar dinheiro, submete-se a várias transfusões de sangue, até que ele mesmo vem a falecer por falta do mesmo. No entanto, os motivos só são apresentados no final, através de uma notícia de jornal. O filme se passa simplesmente num supermercado, culminando no desmaio fatal. A ficção meramente descritiva se revela altamente crítica sobre "o sangue como mercadoria".

Entre 1978 e 1980, num período que corresponde à mudança de bitola do Super8 para o 16mm, os filmes de Spencer passam a assumir outra ênfase. Com a exceção de *Santa do Maracatu* (1980), que prossegue seu trabalho em corte clássico típico do período superoitista, seus trabalhos em 16mm assumem um tom cada vez mais pessoal e intimista, associados a uma idéia de solidão e especialmente de nostalgia. A ênfase está no resgate ao passado, com um tom que oscila entre o levemente melancólico e uma declaração de despedida, mas calcado numa afetividade pouco presente em seus filmes de corte mais clássico. Se antes seus filmes destacavam a cultura de resistência, nesta segunda fase, busca-se uma expressão afetiva de uma cultura que corre o risco de se extinguir, ou das maravilhas que existiam e que estão fadadas ao desaparecimento. É notável a comparação entre filmes como *Cinema Glória* (um cinema popular que sobrevive) e *Sombras, Adeus* (sobre cinemas de rua do Recife que viraram lojas comerciais), ou ainda *Farinhada* (a fabricação da farinha no meio rural) e *Adão Foi Feito de Barro* (a artefania do barro fadada a desaparecer com a indústria de porcelana). Em *Capibaribe*, o som do fole e da voz off assume um tom melancólico e poético que ao final contrasta com o abandono e a poluição do rio Capibaribe. Sentado à margem do rio, surge o típico observador contemplativo da segunda fase do cinema de Spencer. Da mesma forma devem ser vistos os cinco filmes de Spencer sobre o Ciclo do Recife, que merecem uma atenção toda especial por todo o trabalho de pesquisa dedicado à sua realização: *Jota Soares: um Pioneiro do Cinema* (1979/81), *Almyre e Ary, Ciclo do Recife e da Vida* (1981), *Memorando Ciclo do Recife* (1982), e posteriormente, *Estrelas do Celulóide* (1986) e *História de Amor em 16 quadros por segundo* (1988 em vídeo, kinescopado em 1998). Em *Estrelas do Celulóide*, o saudosismo como reencontro atinge o ponto mais alto na filmografia de Spencer. Quatro meninas sobem uma longa escada de madeira e encontram um velho baú. Ao abri-lo descobrem fotos e pertences que funcionam como um resgate à memória da origem do cinema pernambucano. A partir desse prólogo todo o filme desabrocha com uma expressão de poesia e sensibilidade muito particulares na segunda fase do cinema de Spencer.

O tom melancólico está claramente presente nos diversos filmes que retratam o processo artístico, como *Noza Santeiro do Carrié Capiba*, *Ontem, Hoje e Sempre*. Neles, um tom psicológico ausente na fase superoitista desponta, através da caminhada do artista pelas ruas de sua cidade, espelhando um aspecto contemplativo e solitário. Mesmo nas ficções, como *O Último Bolero no Recife*, o tom saudosista invade a tela, através da revisitação nostálgica de um passado nos salões de um Recife colorido e em festa. O tom nostálgico é reforçado com a valorização da geografia do Recife, através de seus prédios antigos e belezas naturais. Em *Capiba*, seu início que mostra o compositor delirante comemorando o Carnaval em meio ao povo entra em vigoroso contraste com o aspecto taciturno e introspectivo das longas caminhadas do compositor e de sua entrevista, ao final do documentário. Ao ser perguntado se ele próprio gosta de suas músicas, Capiba é taxativo: "eu não tenho que gostar, quem tem que gostar é o povo". Frase-síntese, diante do relativo abandono e esquecimento do compositor, toma-se quase uma declaração de princípios do cinema ético de Spencer: o ego do artista sucumbe diante do valor de sua obra.

Marcelo Ikeda.